

## A VIDA SOCIAL E A SOCIABILIDADE NA PEQUENA CIDADE DE NOVA TEBAS (PR)

### SOCIAL LIFE AND SOCIABILITY IN THE SMALL TOWN OF NOVA TEBAS (PR)

Pedro Henrique Carnevalli FERNANDES<sup>1</sup>

**Resumo:** A cidade é um espaço de encontros. Porém, no mundo contemporâneo, essa afirmação tem se apresentado, cada vez mais, como um ideal utópico e distante da realidade que se revela. Na busca pelo alcance da sociabilidade, a grande motivação é o simples fato de estar em relação com alguém, ou seja, é por meio dos conjuntos de relações que os indivíduos concretamente existirão. O ser humano é, em sua essência concreta, um realizador de relações sociais e a sociabilidade é um anseio humano para encontrar um sentido de existência. Por isso, o objetivo principal deste artigo é compreender as transformações na vida social e na sociabilidade em pequenas cidades. Assim, embora pequenas demograficamente (e até espacialmente) e reconhecidas como espaços de sociabilidade primária e positiva, esses espaços têm vivenciado transformações nas relações sociais e de sociabilidade. O estudo ocorre na pequena cidade de Nova Tebas, localizada no interior do Estado do Paraná. Os procedimentos metodológicos foram: levantamento bibliográfico de assuntos pertinentes ao tema, levantamento de dados secundários do município, realização de trabalho de campo com aplicação de questionário na população local, e realização da redação final deste artigo. Os resultados revelaram que a vida social é comprometida em Nova Tebas, já que não há, praticamente, nenhum equipamento lúdico para a sociabilidade. Não há sequer uma praça. Além disso, embora os moradores se conheçam, a existência e a manutenção dos laços concretos de sociabilidade foram perdidos.

**Palavras chaves:** Geografia Humana. Sociabilidade. Vida Social. Pequena Cidade. Nova Tebas.

**Abstract:** The city is a meeting place. However, in the contemporary world, this statement presents itself, increasingly, as a utopian and distant reality that reveals itself. In the quest for the reach of sociability, the great motivation is the simple fact of being in relation with someone, that is, it is through the sets of relationships that individuals concretely exist. The human being is, in its concrete essence, a director of social relations and sociability is a human yearning to find a sense of existence. Thereupon, the main objective of this research is to understand the transformations in social life and sociability in small towns. As soon, although small demographically (and even spatially) and recognized as spaces of primary and positive sociability, these spaces have undergone transformations in social relations and sociability. The study takes place in the small town of Nova Tebas, located in the interior of the State of Paraná. The methodological procedures were bibliographical survey of subjects pertinent to the theme, survey of secondary data of the municipality, accomplishment of fieldwork with application of questionnaire in the local population, and accomplishment of the final writing of this research. The results revealed that social life is committed in Nova Tebas, since there is practically no playful equipment for sociability. There is not even a public square. Moreover, although the resident know each other, the existence and maintenance of concrete bonds of sociability have been lost.

**Keyword:** Human Geography. Sociability. Social life. Smalltown. Nova Tebas.

### Introdução

A cidade é um espaço de encontros. Porém, no mundo contemporâneo, essa afirmação tem se apresentado, cada vez mais, como um ideal utópico e distante da realidade que se

---

<sup>1</sup> Doutor em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Docente do Colegiado de Geografia da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Câmpus de Cornélio Procópio. Editor da Revista Geoingá.

revela. A partir disso, entender a cidade como um espaço construído pelas relações sociais tem se tornado um dos desafios da Geografia, sobretudo com a consolidação do modo de produção capitalista e a difusão do fenômeno da globalização.

Já com o século XXI, o tema ganhou em complexidades, uma vez que tais situações descritas anteriormente alcançaram os espaços das pequenas cidades e das áreas rurais, modificando também as relações sociais e os espaços de encontros. Embora seja um fenômeno ainda em andamento, já é possível perceber e reconhecer no espaço geográfico de muitas pequenas cidades a materialização de tais situações.

A cidade depende das “relações diretas entre as pessoas e os grupos que compõem a sociedade” (LEFEBVRE, 2001, p. 52), seja quanto às relações entre indivíduos e grupos, seja quanto às relações regidas por instituições, como a Igreja e o Estado. O que Lefebvre (2001) transmite é que a produção efetiva da cidade é muito mais do que uma produção de objetos, uma simples ocasião de lucro. Ela é uma produção e reprodução de seres humanos por seres humanos, onde “viver numa cidade significa viver junto” (BAUMAN, 2009, p. 74). Para isso, são indispensáveis as relações sociais e a sociabilidade.

Além disso, “apesar de tudo que aconteceu com as cidades em sua história, (...), uma característica permaneceu constante: as cidades são espaços em que *estranhos* ficam e se movimentam em estreita proximidade” (BAUMAN, 2007, p. 90). Logo, para viver em sociedade é fundamental o convívio com os diferentes/os estranhos.

Atualmente, o espaço urbano é o principal local das relações sociais. A consolidação desse espaço, em substituição ao rural, ocorreu de maneira muito rápida, em curto período de tempo. Segundo Endlich (2006, p. 161), “a acelerada transitoriedade faz com que a condição de vida produzida no âmbito capitalista seja profundamente alterada no curso de uma geração”. Segundo a mesma autora, “não há um modelo completo de reprodução da vida e de valores que prossiga entre gerações<sup>2</sup>subsequentes”. Tal mudança brutal no modo de vida é amplificada com o advento das novas tecnologias, levando muitos autores a afirmarem que o ser humano não está preparado para a vida urbana.

Por isso, o objetivo principal deste artigo é compreender as transformações na vida social e na sociabilidade em pequenas cidades. Assim, embora pequenas demograficamente (e até espacialmente) e reconhecidas como espaços de sociabilidade primária e positiva, esses espaços têm vivenciado transformações nas relações sociais e de sociabilidade. Para isso, é analisado o contexto da pequena cidade de Nova Tebas, localizada no Norte do Estado do Paraná. Os objetivos específicos são: discorrer acerca da base teórica desta pesquisa, tais como: vida social e sociabilidade e demonstrar a realidade da pequena cidade de Nova Tebas, especialmente quanto à sociabilidade.

Os procedimentos metodológicos utilizados para a construção deste artigo foram: levantamento bibliográfico de assuntos pertinentes ao tema, levantamento de dados secundários do município, realização de trabalho de campo com aplicação de questionário na população local, e realização da redação final deste artigo. Em Nova Tebas, foram aplicados oitenta questionários, proporcionalmente à pirâmide etária do município conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010).

O município de Nova Tebas está localizado no Norte do Estado do Paraná, na Mesorregião do Norte Central paranaense e na Microrregião de Ivaiporã (IBGE, 2010). O município possui uma área de 545 quilômetros quadrados e contém 7.398 habitantes, dos

---

<sup>2</sup>Bauman (2010) alerta para “a incompreensão recíproca entre gerações” após as rápidas transformações da era moderna. Os mais velhos temem que a nova geração estrague a “acolhedora, familiar e decorosa normalidade que eles (...) construíram com esforço”. Já aos mais jovens “sentem um forte impulso de endireitar o que os antigos estragaram e desequilibraram”. Ambos não estão satisfeitos com os rumos do mundo, acusando uns aos outros cotidianamente.

quais menos de 40% são moradores da área urbana, gerando uma densidade demográfica de 13 habitantes por quilômetro quadrado (IBGE, 2010).

Embora apresente uma história recente como município, ela é marcada por conflitos de terra e, por conseguinte, políticos, que refletem na realidade contemporânea local, sobretudo nas relações de sociabilidade (FERNANDES, 2012). O município (ou a área em que ele está hoje) chegou a ter trinta mil habitantes em 1975, auge do cultivo algodoeiro. Contudo, a partir de 1980, com o declínio do algodão, começou, também, o demográfico, resultando em uma perda populacional de 75% da população. Apenas entre os dois últimos censos, 2000 a 2010, o declínio demográfico foi de aproximadamente 22% da população (FERNANDES, 2012). A Figura 1 apresenta uma vista parcial da cidade de Nova Tebas (PR).

**Figura 1.** Nova Tebas (PR). Vista parcial da cidade.



Fonte: Fernandes (2012).

### **A vida social e a sociabilidade**

A sociabilidade, em definição reduzida, pode ser entendida como uma “tendência para a vida em sociedade; modo de quem vive em sociedade”. (BUENO, 1996, p. 612). A precisão conceitual do termo, segundo Turra Neto (2008), foi de Simmel, em 1983, partindo da noção de espontaneidade de interação.

A base da interação social são certos impulsos e propósitos, ou seja, a interação dá-se a partir de certos conteúdos e está orientada por objetivos. Essa interação é definida como sociação: uma forma bastante variada pela qual os indivíduos se agrupam para satisfazer seus interesses. Ela é base das sociedades humanas, pois faz com que as pessoas vivam, umas com as outras, em sociedade, em relações de co-dependência (TURRA NETO, 2008, p. 397).

Na busca pelo alcance da sociabilidade, a grande motivação é o simples fato de estar em relação com alguém, sendo que a realização plena dessa relação depende das pessoas envolvidas. Essa visão abstrata do conceito pressupõe que a relação entre as pessoas ocorram sem hierarquia, ou em outras palavras, que as pessoas sejam tratadas de maneira igual.

A sociabilidade é entendida a partir de Karl Marx como um “conjunto de relações que os indivíduos mantêm entre si, dentro do qual, vivem e produzem sua existência, os determina essencialmente”. (ALVES, 2002, p. 309-310). Já para Lugan (1997), é a capacidade de atores sociais se comunicarem e interagirem com outros atores, constituindo um processo necessário para dar a cada um deles o reconhecimento social de uma dada comunidade. Portanto, é por meio dos conjuntos de relações que os indivíduos concretamente existirão.

O ser humano é, em sua essência concreta, um realizador de relações sociais e a sociabilidade é um anseio humano para encontrar um sentido de existência. Assim, o sentido da vida não se encontra dentro dos limites biológicos e psíquicos, mas quando é capaz de transcender a si mesmo e direcionar-se à sua exterioridade (MOREIRA; ABREU; OLIVEIRA, 2006).

O outro não é objeto de um eu para uma finalidade pulsional, pois assim as relações entre os seres humanos seriam reduzidas a uma reificação da existência de outrem por uma postura hedonista e egoísta (...). Para a teoria frankliana, as relações são expressão de um encontro existencial de um eu e um tu, na qual se inscreve o reconhecimento da singularidade de outrem (MOREIRA; ABREU; OLIVEIRA, 2006, p. 629).

Partindo disso, é evidente que a sociabilidade se tornou peça indispensável para a vida e a existência humana e da sociedade. Ela deve ser fomentada nas relações e não composta de indivíduos existindo isoladamente. Para Fonseca (2000), a época atual não possui um modo pronto, existindo ao mesmo tempo que ocorre:

Neste neomundo que é extremamente veloz (...), tudo está em circulação, o que possibilita a transmigração de idéias, valores, hábitos do passado para o presente ou de um lugar a outro (...). Uma realidade local, pertencente à determinada cidades, por exemplo, tem ressonâncias globais, o que transforma as fronteiras geográficas, regionais, em dimensões planetárias (FONSECA, 2000, p. 31).

O que torna cada vez mais inevitável um espaço sitiado do olhar global e da influência dele sobre a sociabilidade. Assim, nessa perspectiva, a leitura da cidade e da condição humana, de acordo com Fonseca (2000, p. 31), se “encontram extremamente envolvidas na trama da realidade societal planetária”. Relacionado tais desdobramentos ao avanço do urbano e do sistema capitalista, surgem os ícones dessa mudança.

Especialmente a televisão, mas também os telefones e, mais recentemente, os computadores, enfim equipamentos que teoricamente ampliariam as relações humanas, mas que efetivamente provocaram o isolamento, afetando a efervescência que existia nas cidades como pontos de encontros (ENDLICH, 2006, p. 155).

Para D’Incao (1994, p. 102), “a televisão tem tido também um papel fundamental na diferenciação da sociabilidade”. De acordo com a autora, ela não só ocupa as pessoas dentro de casa, empobrecendo a vida na cidade, as reuniões, as visitas domésticas e as diversões. Dentro da própria residência ela fragmenta as famílias, reduzem o diálogo e o contato entre os pares, produzindo, o que a autora chama de “monólogo”.

A evolução da televisão em domicílios brasileiros foi meteórica em quase cinquenta anos. Em 1960, menos de dez anos após o lançamento do produto no Brasil, apenas 4,4% dos domicílios possuíam televisão, todas com imagens em preto e branco. Em 1970, a presença

dela saltou para mais de 24% dos domicílios e chegou a mais da metade deles, em 1980, inclusive com unidades com imagens em cores. Em 2009, quase 96% dos domicílios brasileiros tinham televisão, sendo destes, 99,6% com imagens em cores. (IBGE, 2009). Já a presença de microcomputadores com *internet* começou a ser levantado, pelo IBGE, em 2001. Naquele momento, apenas 8,5% dos domicílios brasileiros possuía o eletroeletrônico com acesso à rede mundial de comunicação; oito anos depois, a quantidade passou para 27%. (IBGE, 2009).

Considerando a associação entre sociabilidade e espaço urbano, há consenso entre os autores em Geografia que as relações sociais não acontece de maneira igualitária para todos na apropriação, produção e reprodução do espaço.

A produção, a socialização, o consumo e as práticas culturais incidem sobre usos diferenciais do espaço e espelham os ritmos desiguais que caracterizam não só as relações entre classes, mas a dinâmica das gerações e dos grupos de idades, as relações entre gênero, os ciclos de vida no trabalho e no lazer (SPOSITO, 1994, p. 161).

Assim, as diferentes formas de ver e viver o espaço urbano e os conjuntos de relações diversificadas ocorrem das mais diferentes maneiras no que diz respeito à apropriação do tecido urbano e aos conflitos existentes. Determinados grupos, que se identificam entre si, acabam por ter maior intensidade de sociabilidade entre eles, buscando, quase sempre, o uso de espaços determinados e marcados. Um exemplo é o trabalho de Sposito (1994) que discorre sobre como o *RhythmandPoetry* (RAP), produto de uma sociabilidade juvenil, revela de maneira peculiar a apropriação do espaço urbano e do agir em coletivo como uma identidade comum de determinados jovens excluídos.

Com a exclusão de alguns grupos, no mundo contemporâneo, as relações sociais e de sociabilidade, independente da condição social, cultura, econômica, do campo ou do patamar demográfico da cidade, estão se perdendo perante o mundo cada vez mais individualista e consumista. Para Leal (2010, p. 405), vive-se dominado pela “estranheza, indiferença e substancialmente pelas relações de carácter secundário”.

Os encontros ou os laços sociais ocorrem por aquilo que o outro pode oferecer em termos de satisfação e interesses e não como deveria ser: em totalidade existencial, no sentido de serem seres humanos socializantes. Por isso, Moreira, Abreu e Oliveira (2006, p. 630) acreditam que “a constituição do vínculo social entre os sujeitos estaria fundada numa orientação narcísica e hedonista”. Já para Bauman (2003), as pessoas vivem uma rotina ostentada pela artificialidade, sustentada pela coação e sem sentido de termos como dignidade, mérito ou honra. Parece, então, que há uma privatização das relações sociais.

As relações sociais e políticas, que são mediações referentes a interesses e direitos regulados pelas instituições, pela divisão social das classes e pela separação entre o social e o poder político, perdem sua especificidade e passam a operar sob a aparência da vida privada, portanto referidas a preferências, sentimentos, emoções, gostos, agrado e aversão (CHAUI, 2006, p. 9).

Isso amplia o individualismo. Segundo Silva (2004), o individualismo está cada vez mais cristalizado no cotidiano das pessoas, causando, por consequência, impactos na produção simbólica das relações sociais.

No meio urbano profuso de anonimato, os laços primários e tradicionais que sustentavam a coesão entre indivíduos dão lugar a indiferença e a uma

espécie de solidariedade distante. O cotidiano dos indivíduos é denominado pela superficialidade relacional (LEAL, 2010, p. 402).

Quanto mais individualismo, mais ações de interesse próprio, enfraquecendo, assim, “as negociações de interesse coletivo” (GOMES; SILVA JUNIOR, 2007, p. 58), como uma visão crítica acerca dos acontecimentos políticos, interesse em melhoria do espaço público, indiferença com aumento do desemprego, pobreza e questões sociais, etc. Isso vai de encontro com o que Zaluar (1997, s. p.) descreve como “individualismo negativo”, no qual os indivíduos ficam ilhados no esgarçamento do tecido social, sem o ideário e os valores partilhados socialmente, gerando um grande vazio. Então, a sociedade individualizada acaba por decompor os laços públicos e por aniquilar a vida social e política.

Para Bauman (2010, p. 33), na fase líquida da modernidade o indivíduo é apontado “como o único administrador da política da vida” e a cultura é feita na medida da liberdade de escolha individual. Em resumo, é centralizada na sedução do consumidor, individual, e incentiva, cada vez mais, um consumo acelerado e com rápida dissipação, descartável, para haver uma renovação e, por conseguinte, um novo consumo.

Quanto a isso, Souza (2008) utiliza o termo “autonomia”, entendida em sua dupla face: autonomia individual e autonomia coletiva. A individual corresponde à possibilidade material e institucional efetiva e à capacidade psicológica de definir propósitos para sua vida, de modo a lutar de modo lúdico e coerente, em igualdade com os demais membros da sociedade. Já a autonomia coletiva se traduz, material e inconstitucionalmente, pela existência de instituições sociais que garantam igualdade efetiva de oportunidades para regulação da vida coletiva. A sociedade autônoma deve ocorrer em detrimento da sociedade heterônoma, sendo esta última uma sociedade em que as leis, normas e códigos de conduta são estabelecidos “de cima”, dos detentores do poder, dentro das classes ou grupos – decorrentes de uma assimetria estrutural – ; e “de fora”, dos externos, de um grupo para com o outro, e das raízes naturalistas/divinas, atribuídas à natureza ou as origens religiosas (SOUZA, 2008).

Outro fator que influencia na sociabilidade é a perda das identidades específicas e/ou regionais/locais em preferência de uma identidade nacional e até global.

No mundo da globalização, inserimo-nos em cenários culturais amplos e participamos de comunidades sem vínculos a lugares específicos. Em termos de relações pessoais, isso significa que os vínculos entre familiaridade e lugar já não são os mesmos (TURRA NETO, 2008, p. 399).

Igualmente, a propagação de condomínios fechados, em diferentes classes sociais, influenciou na transformação dos laços de sociabilidade e na vida social das pessoas. Eles consistem de espaços segregados e de isolamento, sendo isso parte da “fragmentação do tecido sociopolítico-espacial é a intensificação da auto-segregação” (SOUZA, 2008, p. 69). Para Bauman (2009, p. 43), eles ocorrem devido a uma mixofobia, ou seja, o medo de misturar-se.

A auto-segregação é uma solução escapista. Representa uma fuga e não um enfrentamento, muito menos um enfrentamento construtivo. Como tal, não passa de uma pseudo-solução. Se, de uma parte, os “condomínios exclusivos” prometem solucionar os problemas de segurança de indivíduos e famílias de classe média ou da elite, de outra parte deixam intactas as causas da violência e da insegurança que os nutrem. Pior: no longo prazo, colaboram para deteriorar a qualidade de vida, a civilidade e as condições de exercício da própria cidadania na cidade (SOUZA, 2008, p. 73).

Certamente, os condomínios fechados acabam com o fortalecimento dos laços de sociabilidade e com os valores de pertencimento e de visão crítica e política da cidade. Em suma, a preocupação se restringe ao que ocorre intramuros do condomínio, se esquecendo dos fatos e das consequências da vida extramuros. Isso reforça o preconceito com “o de fora” e “o diferente”, já que se vive em um ambiente homogeneizado. Logo, de acordo com Bauman (2009, p. 46), “quanto mais tempo se permanece num ambiente uniforme [companhia de iguais] (...), mais é provável que se ‘desaprenda’ a arte de negociar significados e um *modus convivendi*”. Para ele, a companhia de outros iguais permite uma socialização superficial e o crescente desaparecimento do diálogo com “o outro”, principalmente “o diferente”, aumentando a reação mixofóbica.

Essa realidade também ocorre em cidades pequenas. D’Incao (1994, p. 98) traz dois exemplos paulistas: Presidente Venceslau (37.915 habitantes, segundo IBGE, 2010), nas barrancas do rio Paraná, já tem bairros, tipo condomínios fechados, segregados do resto da cidade; e, em Pedrinhas Paulista (2.932 habitantes, de acordo com o IBGE, 2010), existe uma comunidade rural com um prédio de apartamentos de muitos andares e com piscinas.

Morando em bairros segregados, a criança, o jovem e o adulto também, evidentemente, passam a se relacionar somente com pessoas da mesma classe social, cada vez mais com seus pares, não porque saíam à rua, mas porque frequentam as mesmas escolas e locais de classe (D’INCAO, 1994, p. 98).

Logo, não há qualidade na sociabilidade. Por mais que se possa ser sociável, as relações não ocorrem em plenitude. O contato é apenas com pessoas da mesma classe social. Não há espaço para o diferente, para o outro, principalmente aquele divergente da pessoa. Em suma, potencializa a segregação e a aceitação do diferente e esfarela a sociabilidade, gerando uma substituição dos laços naturais por laços artificiais (BAUMAN, 2009).

Os laços artificiais também ocorrem por meio da sociabilidade virtual, sobretudo pelas mídias sociais, como *Facebook*, *Twitter* e *WhatsApp*. Então, ao mesmo tempo em que se estabelece laço virtual com inúmeras pessoas, os mantém, em sua esmagadora maioria, extremamente superficial e distante. Certamente, é mais fácil usar uma tecla *delete* para excluir “um amigo” do que dialogar em interações profundas para resolver mal-entendidos.

O mundo capitalista globalizado também inseriu as pequenas cidades na dinâmica de alta velocidade, representada pelo andar apressado, cujos olhares evasivos já não se cruzam e o tempo para uma conversa rápida é suprida pela velocidade das ações diárias, chegando a uma verdadeira ruptura social, negando-lhe a fala, inclusive as comunicações mais efêmeras do cotidiano, como pedir informação na rua, perguntar como está sendo o dia, entre outros.

Portanto, a sociedade atual, cada vez mais, perde a verdadeira noção de sociedade, uma vez que os laços de solidariedade e coletividade estão se perdendo e a necessidade social que se tem pelos outros acaba por se esvaziar. Para Bauman (2004), esse processo está acarretando em um desaparecimento dos valores intrínsecos dos outros seres humanos singulares, e, assim também, da preocupação com eles, por si mesmos. “A solidariedade humana é a primeira baixa causada pelo triunfo do mercado consumidor” (BAUMAN, 2004, p. 96) e o que se amplia é a relação da competição e não mais da cooperação entre as pessoas.

Partindo disso e considerando que se vive, atualmente, em um sistema econômico que estimula o capital e a obtenção do lucro e amplia as diferenças de classes e as desigualdades sociais, deve-se levar em consideração, utilizando a visão do conceito de sociabilidade, os seguintes fatores, entre outros: i) a divisão social do trabalho; ii) os conflitos urbanos; iii) a moralidade; iv) a anomia; v) a questão dos interesses políticos e o poder local; e, por fim, vi)

os interesses pessoais e o individualismo, que mudam as relações de sociabilidade nas pequenas cidades.

Nas pequenas cidades, a sociabilidade e a vida social têm uma característica peculiar e merece atenção: a pessoalização, ou seja, a proximidade entre as pessoas produz uma “visibilidade inevitável” (CANIELLO, 2003). As pessoas, em sua grande maioria, se conhecem e se reconhecem nas pequenas cidades pelo que o autor chama de “marcas”, que pode ser exemplificado com: o cargo que exerce (“fulano” do posto de saúde, o médico da cidade, etc.), o sobrenome da família ou por alguma ação (aquele que traiu a esposa, etc.).

Logo, uma das principais características desse contexto é “a dificuldade em veicular demandas conflitivas, o que marca fortemente a cena social por relações de solidariedade e reciprocidade ‘obrigatórias’” (CANIELLO, 2003, p. 33). No caso da pequena cidade de São João Nepomuceno, município de 25.057 habitantes (IBGE, 2010) na Zona da Mata mineira, campo de estudo de Caniello (2003), a rivalidade é exercida em dois momentos: no carnaval e nas eleições, ambos no sentido de competição.

As proporções de tais competições são imensas, pois mobilizam praticamente toda a cidade. No caso do carnaval, é uma história de disputa que começou em 1913. No ano seguinte, quando ocorreu o primeiro carnaval realizado com dois clubes, as críticas e os temas das festas eram dirigidos, diretamente, ao clube oponente, gerando réplicas e tréplicas. Em 1915, a rivalidade chegou a um patamar tão perigoso que o delegado de polícia da cidade proibiu ofensas a qualquer dos clubes e determinou itinerários diferentes nas ruas da cidade. (CANIELLO, 2003).

A partir de 1934, fundaram-se novas agremiações, mas a situação de embate continuou. As pessoas eram reconhecidas pelos grupos carnavalescos que apoiavam ou frequentavam. Na década de 1970, os clubes perderam terrenos e começaram a ser fundadas as escolas de samba, chegando, na década seguinte, aos desfiles delas. O carnaval atual na cidade seassemelha com os antigos “festejos de momo”. Em primeiro lugar, a festa incorpora praticamente toda a população da cidade, inclusive os visitantes em férias. Além disso, a existência de duas agremiações polariza “faccionalmente<sup>3</sup>” a população local. (CANIELLO, 2003).

O que mais evidencia o vigor da rivalidade é o fato de toda essa preparação ser envolta no mais estrito segredo: tudo é preparado com grande discrição e o que mais se teme é o “furo” — a descoberta, por parte dos rivais, dos modelos das fantasias da escola a serem usados no grande evento (CANIELLO, 2003, p. 39)

A situação do carnaval em São João Nepomuceno (MG) é a mesma da política local. São dois grupos políticos que disputam o poder e a máquina pública em eleições marcadas por violências, orais e físicas. O ápice da situação ocorreu em 1926 com uma polêmica banal, a troca do nome da praça principal, gerando, na referida praça, um campo de batalha que resultou em quatro mortos. (CANIELLO, 2003). Nos dias atuais, a política local continua sendo um momento conturbado na pequena cidade de São João Nepomuceno. Entretanto, apesar de se preservar a estrutura definidora da rivalidade, exacerbando seu caráter ritual, “o

---

<sup>3</sup> “É um tipo de sistematização de padrões de conduta no âmbito da organização social operado mediante a rivalidade entre grupos com identidades próprias definidos diádica e opostamente no interior da totalidade social englobadora e ‘unionista’ da pequena cidade. A rivalidade assim produzida informa uma ‘reciprocidade hostil’ que permite a veiculação ritual e coletiva do conflito, circunscrevendo-o a arenas metafóricas como a do carnaval. Contudo, um elemento básico do faccionalismo é o seu caráter predominantemente político, pois normalmente ele é uma estrutura codificada por oposições entre grupos organizados que disputam o poder”. (CANIELLO, 2003, p. 39).



indivíduo é libertado da classificação totalizadora proveniente do pertencimento à facção” (CANIELLO, 2003, p. 49).

Lugan (1997), pesquisador francês, também aborta a sociabilidade nas pequenas cidades: quando a atenção de todos está constantemente fixada no que todos fazem, o menor desvio é visto por todos, e, portanto, pode ser reprimido. Antes da Revolução Industrial, havia um predomínio das relações primárias entre as pessoas. Depois, com a industrialização e a urbanização, houve uma mudança das relações primárias para as secundárias ou das relações informais e afetivas para as formais e técnicas (LUGAN, 1997).

Sendo assim, Lugan (1997) indaga-se acerca da possibilidade das culturas regionais constituírem de variáveis capazes de modificar de uma ou outra forma a capacidade de sociabilidade própria das pequenas cidades. Nesse sentido, ele alerta que é necessário se precaver contra as ideias simples sobre o assunto, pois existem pequenas cidades, privilegiadas pela existência de lugares para comunicação oral, como as praças públicas e as ruas, onde as relações primárias são predominantes. Ao contrário, têm lugares que os habitantes vivem mais no “interior” e as ocasiões de contato são de fato reduzidas. O fato é que a história, as tradições, as mentalidades locais, podem jogar em direções diferentes. Os exemplos mostram que as pequenas cidades localizadas em uma mesma região, podem manifestar atitudes coletivas (público) diferentes no que diz respeito à abertura e hospitalidade (acolhimento).

Na medida em que as pequenas cidades estão abertas a uma sociedade cujo sistema econômico é responsável pela divisão do trabalho, as tensões entre as categorias sociais que são observadas na escala global, igualmente são encontradas na escala das pequenas comunidades urbanas (LUGAN, 1997). Assim, as relações secundárias passam a predominar em alguns casos, mesmo as tensões sociais sendo mais atenuadas por fatores, como, as relações de convivência e os contatos entre grupos sociais facilitadas pelo tamanho das cidades. Como já fora mencionado, elas se ampliam em festividades ou disputas políticas.

A sociabilidade nas pequenas cidades do mundo contemporâneo passa por uma transformação significativa. Os contatos primários, com afetividade e intensidade, ocorrem apenas entre os grupos e/ou parentes e amigos mais próximos e, cada vez mais, com relações conturbadas. Já as relações secundárias, efêmeras, técnicas e frias passam a ser utilizadas cotidianamente pelos moradores.

Por fim, é indispensável abordar a proposta de Silva (2004) em compreender efetivamente as transformações sociológicas apontadas até agora nesta redação a partir do conceito de “sociabilidade violenta”. Ela consiste na intenção de captar a natureza e o sentido da radical transformação de qualidade das relações sociais a partir das práticas de criminosos comuns.

Há muito tempo que assaltos, roubos, sequestros, linchamentos, etc., vêm aceleradamente deixando de ser percebidos como desviantes e ocasionais por agentes, vítimas e observadores – sem que, por isso, se possa afirmar que se trata tão somente de um processo de incorporação destas relações sociais à ordem institucional-legal, aos costumes dominantes ou às rotinas vividas como não problemáticas. Ao contrário, há fortes indícios que os padrões convencionais de sociabilidade (...) perdem validade e são substituídos segundo disposições subjetivas e coerções reciprocamente articulados (SILVA, 2004, p. 61).

Desse modo, se percebe uma ampliação do uso da força nos princípios básicos das relações sociais. Logo, “na medida em que o princípio que estrutura as relações sociais é a força, não há espaço para a distinção entre as esferas políticas, da economia e da moral”

(SILVA, 2004, p. 74). Partindo disso, Zaluar (1997) propõe substituir o Estado Passivo Providência para o Estado Ativo Providência. Assim, não haveria mais assistidos a socorrer, mas pessoas com diferentes utilidades sociais, cuja capacidade deveria ser sempre aproveitada.

Nele também haveria a socialização radical dos bens e das responsabilidades. Uma nova concepção de solidariedade é mobilizada na ideologia desse Estado: não é nem a caridade provada, nem o bem-estar advindo dos direitos sociais, nem a mutualidade do solidarismo do século XIX. (...) fomentar a solidariedade advinda do pertencimento a uma mesma comunidade nacional, na qual a seguridade é nacional (ZALUAR, 1997, s. p.).

A repressão, cada vez mais autoritária, não parece ser a solução ideal. A burguesia parece estar receptiva para isso, inclusive falando e defendendo a utilização de pena de morte pelo Estado brasileiro como “única” forma de solucionar os problemas da violência e da insegurança. Ora, isso é perigoso e não resolverá o problema. Então, Bauman (2003) sugere um engajamento de todos na busca pelo retorno do sentido de comunidade, sucumbido na pós-Revolução Industrial e desmoronado com o advento do capitalismo. “O poder moderno dizia respeito antes e acima de tudo à capacidade de gerenciar pessoas, (...) e obter obediência” (BAUMAN, 2003, p. 41). Para ele, o modelo capitalista substituiu a tradição fundada na comunidade por uma rotina artificial, chamada de “comunidade de solitários” (BAUMAN, 2003, p. 64).

Essa transformação na vida social e nas questões de sociabilidade estão inclusive associadas, ora como condicionantes, ora como condicionando, com o aumento da violência e da insegurança objetiva em pequenas cidades, como pode ser observado nos estudos de Fernandes (2017). No caso de Nova Tebas, os dados apresentados mostraram que o município aparece com a maior taxa de homicídios, por grupo de cem mil pessoas, entre os 186 municípios que compõem a região Norte do Estado do Paraná (FERNANDES, 2017).

Cabe, portanto, ao Estado, como principal ator do social, criar novas intervenções e políticas públicas e sociais para reverter o quadro que se vive no mundo contemporâneo. Estas ações devem combinar o nacional com as peculiaridades do local para que alcance os resultados desejados. Caso contrário, infelizmente, como diz Curbet (2010, s. p.), “sálvese quien pueda”.

### **A realidade da pequena cidade de Nova Tebas (PR)**

A constatação de Nova Tebas como “cidade isolada” se vincula ao isolamento geográfico do núcleo urbano do distrito-sede. A dificuldade de se chegar à cidade reflete, parcialmente, no intra-urbano e nas relações entre as pessoas, ou seja, na vida social e na sociabilidade. É fundamental pontuar que esse isolamento está relacionado à localização e é relativo, pois é possível afirmar que a cidade não deixa de estar vinculada à economia global, à *internet*, enfim, aos indicativos que remetem ao fenômeno da globalização.

O “isolamento geográfico” é justificável, principalmente, pela dificuldade em ir até a cidade, uma vez que o transporte rodoviário é parcialmente realizado por uma única empresa, que tem como ponto de embarque/desembarque um bar no Distrito de Catuporanga, localizado às margens da BR-487, a quase dez quilômetros da cidade de Nova Tebas. Outra situação que reflete o isolamento do núcleo urbano de Nova Tebas é a existência de apenas uma entrada/saída pavimentada, pela PR-845. Finalmente, quanto ao isolamento, tem-se uma

situação confusa com relação à transmissão da telefonia móvel: há três sinais de área diferentes no território município, ou seja, PR-42 (oficial), PR-43 e PR-44.

Certamente, esse “isolamento” influencia no comportamento e na sociabilidade dos moradores do município de Nova Tebas, seja dentro da cidade, seja entre esses moradores e os das vilas. Além disso, outro fator é determinante para influenciar na vida social na pequena cidade: a ausência de lazer e de cultura. Em Nova Tebas, não há nenhum equipamento lúdico, como teatro, cinema e nem sequer uma praça pública. Existe apenas uma biblioteca comunitária cidadã que, apesar da gratuidade do serviço cultural, é pouco aproveitado pela comunidade (em média, uma a cinco pessoas, por semana, frequentam o espaço dos livros) e um ginásio de esportes, apresentado na Figura 2, utilizado mais como espaço de tráfico ilícito de drogas do que de práticas sociais e esportivas.

**Figura 2.** Nova Tebas (PR). Ginásio de esportes: principal área lúdica



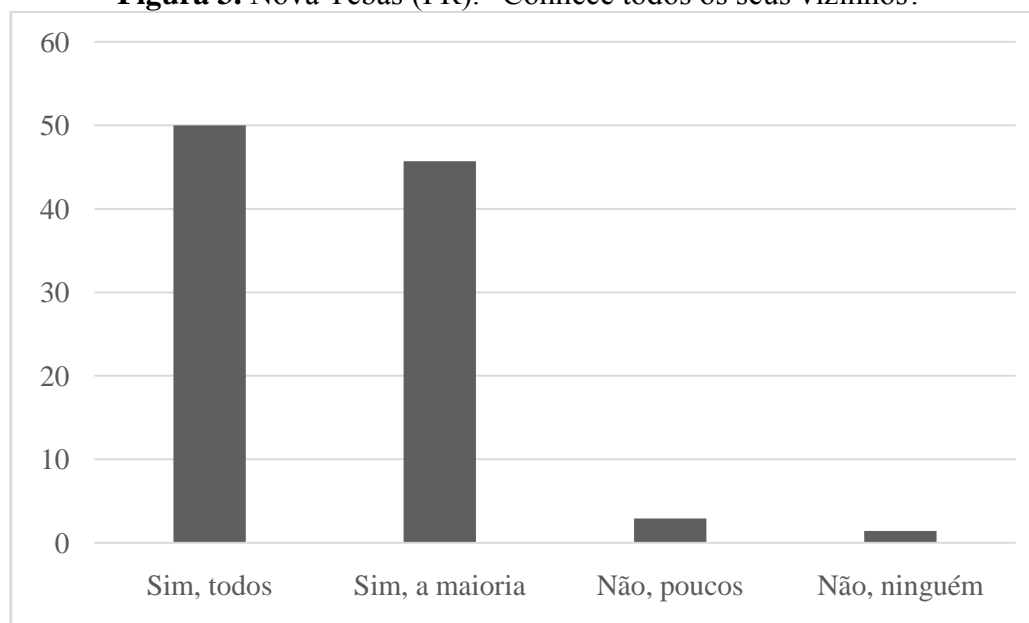
Fonte: Fernandes (2012)

Portanto, a efetiva concentração dos jovens de Nova Tebas ocorre em bares, localizados na avenida principal da cidade e das vilas, que funcionam durante o período diurno e pela madrugada. Sendo assim, parte dos jovens, de diferentes classes sociais, mais volúveis, passa a ter contato com a bebida alcoólica e a droga em vez da cultura, implicando em outros problemas sociais, desde a saúde até a segurança pública.

Para entender a vida social e a sociabilidade na pequena cidade de Nova Tebas, são apresentados, na sequência, os resultados acerca de algumas variáveis selecionadas que podem indicar uma aproximação com a sociabilidade. A Figura 3 apresenta os resultados quanto ao conhecimento que os respondentes têm em relação à sua vizinhança em Nova Tebas.

Os resultados mostram que grande parcela das pessoas conhece os moradores da vizinhança. Em Nova Tebas, metade dos respondentes conhece todos os vizinhos e 45,7% conhecem a maioria deles; ambos somam 95,7% de respostas positivas. Logo, apenas 4,3% dos respondentes pontuaram afirmações negativas, sendo 2,9% para “não, poucos” e 1,4% para a resposta “não, ninguém”. Em uma extensão dessa pergunta, 93% dos respondentes de Nova Tebas alegaram não conhecer todos os moradores do município.

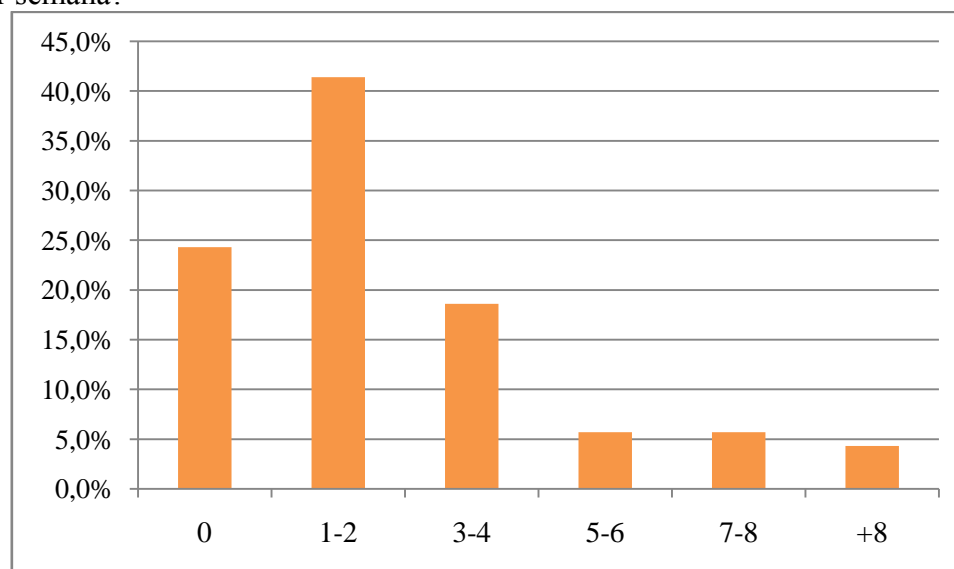
**Figura 3.** Nova Tebas (PR). “Conhece todos os seus vizinhos?”



Fonte: Trabalho empírico

O resultado anterior isolado passa a sensação de uma concreta existência de laços de sociabilidade. Entretanto, o fato de conhecer a sua vizinhança não significa, efetivamente, a manutenção ou a existência de laços concretos de sociabilidade. Nesse sentido, a Figura 4 apresenta a proporcionalidade de vezes que os respondentes conversam com os seus vizinhos durante o período de uma semana em Nova Tebas.

**Figura 4.** Nova Tebas (PR). “Com que frequência conversa com os vizinhos, em número de vezes por semana?”



Fonte: Trabalho empírico

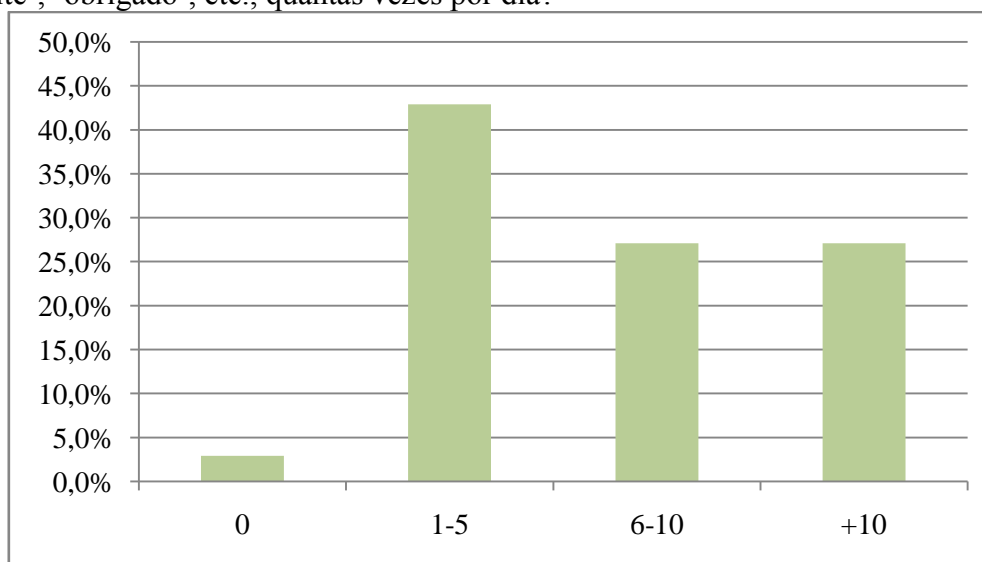
Os resultados revelaram que quase 25% dos respondentes de Nova Tebas não conversam nenhuma vez com seus vizinhos no período de uma semana. Além disso, 41% dos respondentes alegaram que conversam de uma a duas vezes por semana com os vizinhos. Nesse caso, os argumentos/justificativas eram, principalmente, uma vez por mês, “apenas quando precisam de alguma ajuda” ou “necessitam de algo emprestado”. As diferentes faixas

etárias responderam de maneira diferente. As respostas acima de cinco vezes foram proferidas pelos mais jovens e pelas pessoas mais velhas.

A ausência ou a diminuição progressiva de contato com a vizinhança é estendida potencialmente para os demais moradores da cidade. Ora, se o contato com o “conhecido” é reduzido, provavelmente, ele será quase inexistente ao considerar o “desconhecido”. Por isso, para poder mensurar a proporção de contatos entre as pessoas, propôs-se uma indagação que visa entender como ocorrem os contatos mais simples – e ao mesmo tempo tão enriquecedores –, como as expressões de “bom dia”, “boa tarde”, etc.

Nesse sentido, a Figura 5 apresenta a proporção do número de vezes que os respondentes alegaram ter recebido, ao longo do seu dia, algumas dessas expressões. Os respondentes foram alertados de que deveriam considerar apenas as vezes em que a outra pessoa tomou a iniciativa de se expressar primeiro.

**Figura 5.** Nova Tebas (PR). “Aproximadamente, recebe frases do tipo ‘bom dia’, ‘boa tarde’, ‘boa noite’, ‘obrigado’, etc., quantas vezes por dia?”



Fonte: Trabalho empírico

No município de Nova Tebas, a partir dos resultados dos respondentes, 43% responderam que recebem de uma a cinco expressões como “bom dia, boa tarde, boa noite, obrigado, etc.” ao longo de um dia. Apenas 3% dos respondentes nunca recebem tais expressões e 27% deles ganham mais de dez, ao longo de um dia.

Com os resultados do questionário é possível aferir que há uma relativa preservação dos contatos entre moradores de Nova Tebas, reflexo da própria condição urbana e espacial da pequena cidade. Essa preservação é relativa, uma vez que alguns respondentes atuam, diretamente, em contato com pessoas, como comerciantes e professores. Soma-se a isso um considerável patamar de respondentes que pontuaram respostas “zero” e “uma” vez por semana, o que efetivamente representa um patamar de respostas muito baixo.

### Considerações finais

No mundo contemporâneo, o individual, o prazer e o consumo ganham importância em detrimento do coletivo, do bem-estar e da sustentabilidade, ou seja, em consequência da materialização das tendências vinculadas ao modo de produção capitalista e ao fenômeno de globalização. Logo, as relações pessoais se tornam pautadas na homogeneização social e em

um jogo de interesses e, conseqüentemente, distantes de uma sociabilidade positiva. Esse contexto é encontrado em pequenas cidades, inclusive no trabalho empírico.

O trabalho de campo na pequena cidade de Nova Tebas revelou como os moradores se manifestam quanto à realidade enfrentada por eles. Assim, emergiram situações preocupantes e características próprias no que diz respeito à sociabilidade e à vida social.

Em Nova Tebas, os pouco mais de sete mil moradores convivem, desde antes da emancipação do município, com uma situação caótica: não há asfalto, saneamento básico, transporte público, políticas de geração de emprego e renda, apoio à agricultura local, nem sequer um espaço lúdico, como uma praça. Além disso, a posição geográfica do município, o acesso por rodovias e a ausência de profissionais de segurança transformaram-no em um lugar “isolado”, onde quadrilhas se escondem e cometem práticas criminosas. Esse contexto, certamente, é desestimulante para o morador dessa localidade. O maior reflexo da situação atual da cidade é a ausência de uma sociabilidade positiva por parte dos moradores que, cada vez mais, deixam de se falar.

Em Nova Tebas, não há nenhum equipamento lúdico para fomentar a sociabilidade. Nenhuma praça é algo aterrorizante para a vida social. Assim, é comum observar a concentração dos jovens de Nova Tebas em bares, fazendo uso frequente de bebidas alcoólicas, drogas lícitas e até drogas ilícitas. Isso gera e amplia a vulnerabilidade social dos adolescentes e jovens do município, inclusive influenciando em indicadores de violência, sobretudo nos de homicídios.

A maior parcela dos respondentes conhecem os moradores da vizinhança, sendo que as respostas positivas quase atingiram 96% dos respondentes; apenas 4,3% dos respondentes pontuaram afirmações negativas. Entretanto, o fato de conhecer a vizinhança não significou, em Nova Tebas, efetivamente, a existência e a manutenção de laços concretos de sociabilidade. Os resultados revelaram que quase 25% dos respondentes de Nova Tebas não conversam nenhuma vez com seus vizinhos no período de uma semana e 41% dos respondentes conversam de uma a duas vezes por semana com os vizinhos. Apenas entre os respondentes mais novos e os respondentes mais velhos que os resultados ultrapassaram cinco vezes por semana.

Essa ausência ou ao menos a diminuição progressiva de contato com a vizinhança acaba sendo estendida para os demais moradores da cidade. No município de Nova Tebas, os dados sobre isso revelaram uma relativa preservação dos contatos mais simples entre moradores, reflexo da própria condição urbana e espacial da pequena cidade. Além disso, apareceu um considerável patamar de respondentes que pontuaram respostas “zero” e “uma” vez por semana.

Diante desses cenários, há muito que se fazer por esses espaços, seja no âmbito político, seja no social. Há, também, necessidade de ampliar os estudos e o debate acadêmico, visto ser indispensável que a universidade caminhe até esses espaços para tentar contribuir com a sociedade local. Igualmente, é preciso publicar os estudos e difundir que as pequenas cidades, por comporem o urbano brasileiro – e, portanto, se formarem a partir da perspectiva negativa da urbanização – enfrentam problemas semelhantes aos encontrados nas cidades médias e nas metrópoles. Portanto, os espaços e a sociedade das pequenas cidades devem continuar em pauta nos debates acadêmicos para que se possa trilhar no sentido de uma compreensão total da realidade urbana e social brasileira.

## Referências

ALVES, Antônio José Lopes. A sociabilidade nos Grundrisse de Karl Marx. In: **Anais de Filosofia**. São João Del-Rei, v. 9, p. 309-313, 2002;

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004;

\_\_\_\_\_. **Capitalismo parasitário**: e outros temas contemporâneos. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 92 p.;

\_\_\_\_\_. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 141 p.;

\_\_\_\_\_. **Confiança e medo na cidade**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. 94 p.;

\_\_\_\_\_. **Tempos líquidos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. 119 p.;

BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD: LISA, 1996;

CANIELLO, Márcio. O Ethos Sanjoanense: tradição e mudança em uma cidade pequena. In: **Mana**, Rio de Janeiro, v. 9, nº 1, p. 31-56, 2003;

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder**. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2006. 142 p.

CURBET, Jaume. La inseguridad ciudadana ha cambiado nuestras vidas. In: **Carajillo de laciudad**, 2010. Disponível em: <[http://www.cafedelasciudades.com.ar/carajillo/6\\_art2.htm](http://www.cafedelasciudades.com.ar/carajillo/6_art2.htm)> acesso em: 31 de março de 2011;

D'INCAO, Maria Ângela. Modos de ser e de viver: a sociabilidade urbana. In: **Tempo Social**: revista de Sociologia. São Paulo: USP, v. 4, nº 1, 1994, p. 95-109;

ENDLICH, Angela Maria. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades do Noroeste do Paraná**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente: [s.n.], 2006. 505 p. il.

FERNANDES, Pedro Henrique Carnevalli. **Sociabilidade e sentimento de insegurança urbana em pequenas cidades: o Norte do Paraná**. 2012. 262 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá (PR), 2012.

\_\_\_\_\_. **Um espectro ronda as pequenas cidades: o aumento da violência e da insegurança objetiva**. 2017. 525 p. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá (PR), 2017.

FONSECA, Ailton Siqueira de Souza. Realidade, cidade e a condição humana na Era planetária. In: **Expressão**. Universidade Estadual do Rio Grande do Norte: Mossoró (RN), v. 1, p. 29-36, 2000.

GOMES, Livia Godinho Nery e SILVA JUNIOR, Nelson da. Sobre a amizade em tempos de solidão. In: **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 57-64, mai./ago., 2007.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<[http://www.censo2010.ibge.gov.br/resultados\\_do\\_censo2010.php](http://www.censo2010.ibge.gov.br/resultados_do_censo2010.php)> acesso em: 03 de Fevereiro de 2011.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)**. Rio de Janeiro, v. 30, 2009. 133 p.;

LEAL, José Manuel Pires. O sentimento de insegurança na discursividade sobre o crime. In: **Sociologias**, Porto Alegre, n. 23, p. 394-427, jan./abr., 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n23/14.pdf>> acesso em: 27 de janeiro de 2011.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centrauro, 2001. 144 p.

LUGAN, Jean-Claude. Sociabilité et intégration dans les petites Villes: hypothèses sur une evolutions. In: **Bourgs et petites villes**. Jean-Paul Laborie et Jean Renard (org.). PressesUniversitairesduMirail, Toulouse, 1997. p. 399-406.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; ABREU, Anderson Kerley Chaves de; OLIVEIRA, Marina Clemente de. Moralidade e sociabilidade em Frankl: um norte para superação da violência. In: **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, nº 3, p. 627-635, 2006;

SILVA, Luiz Antonio Machado da. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 19, n. 1, p. 53-84, jan./jun., 2004;

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Fobópole**: o medo generalizado e a militarização da questão urbana. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2008. 288 p.;

SPOSITO, Marília Pontes. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. In: **Tempo Social**. São Paulo, v. 5, nº 1, p. 161-178, 1994;

TURRA NETO, Nécio. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava**: territórios e redes de sociabilidade. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente: [s.n.], 2008. 533 p.;

ZALUAR, Alba. Exclusão e políticas públicas: dilemas teóricos e alternativas políticas. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 12, n. 35, fev., 1997. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091997000300003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091997000300003&script=sci_arttext)> acesso em: 26 de janeiro de 2011.

Artigo recebido em 24-08-2017  
Artigo aceito para publicação em 22-11-2017